

JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

Juventudes e relações de gênero

Shirlei Rezende Sales
Luiza Cristina Silva Silva





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

Série de Cadernos Temáticos
“Juventude brasileira e educação”

Juventudes e Relações de Gênero

Autoras:

Shirlei Rezende Sales

Luiza Cristina Silva Silva

Organização:

Álida Leal, Brésicia Nonato,

Licinia Correa e Symaira Nonato

Capa e projeto gráfico:

Carol D'Alessandro

Diagramação:

Editora Fino Traço

Cadernos da série

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S163j

Sales, Shirlei Rezende

Juventudes e Relações de Gênero / Shirlei Rezende Sales, Luiza Cristina Silva Silva. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

44 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8054-512-8

1. Educação. 2. Juventude. 3. Relações de Gênero. I. Silva, Luiza Cristina Silva. II. Título.

2021-3332

CDD 370

CDU 37

Shirlei Sales¹

Luiza Silva²

Juventudes e Relações de Gênero

1. Shirlei Rezende Sales - Pós doutora pela University of Illinois at Urbana-Champaign (UIUC), USA. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação. Integra a coordenação do Observatório da Juventude da UFMG.

2. Luiza Cristina Silva Silva - Doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Substituta do Colegiado de Geografia da Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes³. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**

Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, είδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!

Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.



Iniciando o giro do caleidoscópio

Cara/o colega leitora/or,

Talvez você estranhe a forma como escrevemos. Essa é uma das inúmeras maneiras possíveis de registrarmos em palavras nossa posição política e pedagógica de enfrentamento das desigualdades de gênero. Isso porque sabemos que a linguagem não é neutra. As palavras carregam muitos sentidos. A omissão de algumas delas também. Por isso a importância, dentre outras coisas, de reconhecer na escrita a existência das mulheres (leitoras, pesquisadoras, autoras, professoras, presidentas e tudo mais que elas quiserem ser...). Assim começamos a romper com o ciclo da negligência do uso exclusivo do masculino, pretensamente universal. Esse posicionamento político tem sido tão contagiante que em muitos materiais, como por exemplo livros, revistas, propagandas, já observamos o uso de uma linguagem

mais inclusiva, menos sexista. Esse cuidado você também vai verificar em todos os Cadernos desta Série. Neste nosso Caderno, em especial, conversaremos sobre essas e outras questões que envolvem as relações de gênero. Esperamos que você encontre aqui várias inspirações para o seu trabalho, para as nossas lutas e para se somar a nós no compromisso com a construção de uma sociedade menos desigual e mais justa.

Sobre definições – O que entendemos por gênero?

Certamente você já se deparou em algum momento com a palavra **gênero**. Tendo em vista a discussão presente neste Caderno, ela pode ser assim definida: as relações sociais entre homens e mulheres; a forma primeira de dar significado às relações de poder; um conjunto de normas que prescrevem o que é feminino ou masculino; um dispositivo cultural que nomeia, hierarquiza, categoriza modos de vida e assim organiza e divide o mundo a partir do que se entende como feminino e masculino.

A filósofa Judith Butler, por sua vez, argumenta que “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas” (BUTLER, 2014, p. 253). O que ela nos ensina é que existem inúmeras formas de vivermos em termos de feminilidades e masculinidades, as quais são construídas na cultura. Algumas dessas possibilidades são valorizadas socialmente,

outras são criticadas, podendo ser até excluídas. Isso acontece de modo tão repetido e automático que fica parecendo algo dado pela natureza biológica. É como se a dimensão da produção das relações de gênero ficasse invisível para nós. Então Butler nos provoca a enxergar o trabalho incessante da cultura na definição de masculino e feminino. Além disso, é preciso atentar que gênero está sempre em conexão com religião, classe social, território, relações raciais, sexualidade, por exemplo. Nesse sentido, ser mulher heterossexual, branca e moradora dos centros urbanos é completamente diferente de ser mulher lésbica, negra e nordestina na sociedade brasileira, por exemplo.

Diante disso, diferentes tipos de sujeitos elaboram e constituem diferentes modos de ser. Alguns deles são mais aceitos em sociedade, outros são negados. Alguns desses modos têm consequências libertadoras, outros podem ter efeitos tóxicos. Referimo-nos aqui às múltiplas formas possíveis de nos comportarmos. As que chamamos de libertadoras são aquelas que nos alegram, nos potencializam, nos enchem de coragem e disposição para a vida, nos tiram de situações de opressão, pois nos parecem justas e adequadas com aquilo que acreditamos e desejamos. Já as tóxicas, ao contrário, parecem nos aprisionar, nos enclausuram, restringem nosso alcance, tolhem, limitam, produzem tristezas, dores, angústias e por tudo isso nos fazem mal, como se fossem mesmo

uma espécie de veneno que vai aos poucos minando nossa vitalidade, nossos direitos, nossas alegrias, nossa dignidade. Esses efeitos estão associados às normas de gênero que a sociedade estabelece como padrão. Normas que nos dividem entre aquelas/es que agem corretamente e aquelas/es que precisam ser corrigidas/os para se comportarem adequadamente. Então, **gênero** é um dispositivo social e cultural que classifica os sujeitos a partir do que se entende como feminino e masculino. Por exemplo, quando se diz “Isso é coisa de menina” ou “Não faça isso porque você é homem”, são afirmações constituídas por uma compreensão restrita e normativa sobre relações de gênero e de como homens e mulheres devem ser, existir e viver. Nesse entendimento, emoções, sentimentos, práticas e ações são direcionadas a apenas dois eixos opostos de classificação: masculino e feminino. Como nos ensina a pesquisadora e professora Guacira Lopes Louro, gênero é algo que se faz e não algo que se possui (LOURO, 2017).



Outros ângulos, cores e formas

Sobre os efeitos dessas normas na produção de masculinidades, confira:

“O silêncio dos homens”. (Ian Leite e Luiza de Castro, Brasil, 2019).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVX-CE&t=2055s>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

“O que os homens falam”. (Cesc Gay, Espanha, 2013).

Confira o trailer em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iepz3ChABHw>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

Essas normatizações de gênero geralmente limitam e restringem nossas possibilidades de existência. Elas tentam enclausurar nossas atitudes em uma caixa muito pequena, na qual nem sempre cabem nossos desejos e nossos modos de viver, de pensar e de sentir. As normas de gênero parecem tão naturais e se repetem com tanta força que, por exemplo, ao buscarmos um brinquedo para presentear uma criança, frequentemente, ouvimos sem demoras a pergunta: “É para menino ou menina?” Além disso, certamente você conhece alguma garota que, por vezes, não quer se comportar com o que culturalmente é definido como correto para as mulheres. Ela pode, por exemplo, gostar de se vestir com

roupas que são ditas como masculinas, ou praticar esportes radicais que tendem a ser vistos como masculinos também. Assim como um garoto pode, por exemplo, chorar ao assistir a um filme emocionante, algo visto como fora do padrão para os homens. As normas de gênero regulam de tal modo nossos comportamentos que podemos achar estranhas essas situações. Outro drama muito recorrente entre nós é a atribuição exclusiva às mulheres da obrigação de realizar o trabalho doméstico, dificultando que os rapazes se responsabilizem por cozinhar ou lavar a louça, para mencionar algumas cenas. Percebemos assim, a dimensão relacional de gênero como nos ensinou a historiadora Joan Scott (1995), ou seja, meninos e meninas, mulheres e homens são definidos em termos relacionais, mútuos, recíprocos e não são entendidos separadamente.



Fonte: Quino. Toda Mafalda. Martins Fontes, 2000. p. 228.



Focalizando imagens

Exemplos interessantes dessas questões podem ser vistos em:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras.

Disponível em: <https://44a948eb-567f-499e-99ea-9a9d3f92a1b0.filesusr.com/ugd/bc3167_de9f937f20754011af541d1518913538.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



Outros ângulos, cores e formas

Se preferir, você pode assistir a vídeos com a própria autora em:

Chimamanda responde como educar crianças feministas: <<https://www.youtube.com/watch?v=DyJA9G-zX28M>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Todos nós deveríamos ser feministas | Chimamanda Ngozi Adichie: <https://www.youtube.com/watch?v=h-g3umXU_qWc>. Acesso em: 20 mar. 2022.

O estranhamento diante de algum comportamento que não corresponda às normas de gênero pode nos levar a julgar como incorretas essas condutas e provocar até mesmo agressões físicas, psíquicas e/ou verbais contra quem diverge das normas de gênero. Esses processos têm gerado injustiças, desigualdades e violações de toda espécie, inclusive na família, no trabalho e na escola. Essas questões estão espalhadas em diversos espaços e podem ser vividas de diferentes modos.



Focalizando imagens

Para refletir um pouco sobre esses problemas curriculares, confira o seguinte:

GIOVANNETTI, Carolina; SALES, Shirlei R. Histórias das Mulheres na BNCC do Ensino Médio: O silêncio que persiste. **Revista História em Reflexão** - Revista Eletrônica, v. 14, p. 251-277, 2020.

Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12182>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

A pesquisadora Guacira Lopes Louro nos ensina que “Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, material didático, processo de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero” (2012, p. 68). Assim, esses mecanismos

didáticos presentes na escola, e em diversos espaços formativos, pelos quais as relações desiguais de gênero podem ser reafirmadas, precisam ser questionadas a partir de um olhar problematizador e analítico. Vamos fazer isso? Metodologicamente, em um primeiro movimento, precisamos ver nossa realidade de modo atento, minucioso e crítico, até mesmo repensando os nossos pensamentos, desaprendendo muita coisa que aprendemos. Além disso, é preciso uma escuta cuidadosa, sensível, respeitosa e com atenção plena dos sujeitos envolvidos nas práticas mais cotidianas que, sob a aparência de normalidade, podem produzir desigualdades, injustiças e sofrimentos. Essa postura reflexiva deve se dirigir para ações que se configuram como violência de gênero⁴ que podem acontecer até mesmo na escola. Um exemplo corriqueiro é a divulgação de fotos e vídeos íntimos objetivando atacar a vítima, principalmente meninas. Nesses atos há uma tentativa de violação moral das vítimas, os quais já são tipificados como crime⁵. É muito importante lembrar que as famigeradas práticas de *bullying* (intimidações) devem ser problematizadas a partir,

4. Embora absurdamente cruel e inaceitável, a violência contra a mulher ainda persiste. Felizmente, no Brasil, ela tem sido combatida por meio da aplicação da Lei 11340, de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha.

5. Popularmente conhecida como Lei Carolina Dieckmann, a Lei 12.737 de 2012 dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos no Brasil.

de uma perspectiva formativa⁶, entre outras ações comuns entre nós. Isso está discutido no Caderno “Juventude e indisciplina nas escolas” ao abordarem a importância da organização educativa que instaura rupturas nas lógicas de silenciamento e exclusão.

NO BRASIL, EM 2019, FORAM 1.314 MULHERES MORTAS PELO FATO DE SEREM MULHERES – MÉDIA DE UMA A CADA 7 HORAS.



EM 2018, FORAM 66 MIL MULHERES VÍTIMAS DE ESTUPRO, A MAIORIA DAS VÍTIMAS (53,8%) FORAM MENINAS DE ATÉ 13 ANOS.

Fonte: Criação Dr. Paulo Henrique Nogueira

6. A própria legislação educacional - LDB 9394/96 - já regulamenta no Art. 12 que “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: [...] IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas; X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas” (BRASIL, 1996).



Focalizando imagens

Para entender melhor as questões de gênero, suas múltiplas violações e principalmente as resistências às violências e desigualdades de gênero construídas incessantemente em diferentes espaços formativos, conheça as seguintes pesquisas:

AGUIAR, Jéssica Sapore de. Existo porque resisto: práticas de re-existência de jovens mulheres aprendizes frente às assimetrias de gênero. Dissertação – (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. 140f.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQXGNX>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FERREIRA, Aline G. #CurrículoEmConexãoComAcibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. 198f.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQQJXT>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SILVA, Luiza C. S. Currículo da nudez: relações de poder-saber na produção de sexualidade e gênero nas práticas ciberculturais de nude selfie. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B26MBS>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Outro aspecto que merece a nossa atenção é o que se denomina por cultura do estupro. Você já deve ter ouvido comentários absurdos que culpabilizam a vítima violentada. Outros que incentivam o assédio sexual. Parte de nossa cultura autoriza os homens a violarem os corpos de mulheres, e até mesmo de outros homens, com base na premissa de uma pretensa virilidade que supostamente deveria ser saciada por direito. Como se a masculinidade hegemônica, aquela que autoriza os comportamentos violadores, fosse algo inato e que seria responsabilidade da mulher se precaver das investidas masculinas. Essas ideias invertem as razões e compreensão dos fatos, são injustas e brutais. Felizmente isso já tem sido contestado e muitos movimentos como “Não É Não” têm se espalhado entre nós.



Outros ângulos, cores e formas

Estes filmes discutem as questões de assédio e violência e podem provocar excelentes reflexões:

O escândalo (Jay Roach, EUA/Canadá, 2019).

<<https://www.youtube.com/watch?v=qn6lFFdKbEY>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

A assistente (Kitty Green, EUA, 2019)

<<https://www.youtube.com/watch?v=6cLf0i-kYio>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

The hunting ground (Kirby Dick, EUA, 2015)

<<https://www.youtube.com/watch?v=GBNHGi36nIM>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Alguns caminhos possíveis...

Quais seriam então os caminhos possíveis para a construção de um mundo mais justo e feliz? A estudiosa Judith Butler (2014) nos ajuda a criar alternativas, quando nos chama a atenção de que embora gênero normatize nossas condutas, pode também ser o aparato que nos ajuda a desconstruir noções de masculino e feminino prevalentes na sociedade. Historicamente, muitas lutas, especialmente articuladas pelos mais diferentes movimentos sociais, têm conquistado direitos importantes. Além disso, podemos ver hoje em nossa sociedade diversas iniciativas de enfrentamento e superação das desigualdades de gênero. E as/os jovens têm sido protagonistas nessas ações.

A juventude, de modo geral, tem se conectado cada mais intensamente às tecnologias digitais e ampliado suas possibilidades de militância política, explorando as ferramentas disponíveis no ciberespaço com imenso alcance. Como vocês podem ver mais detalhadamente no Caderno de “Juventudes: culturas juvenis e cibercultura”, o ciberespaço tem sido um território que abriga muitas contestações e resistências, viabilizando o ciberativismo juvenil o

qual tem transformado muitas práticas sociais e as relações de gênero. As redes sociais digitais têm oferecido inúmeros recursos para a discussão das questões de gênero, para a contestação de injustiças, para a denúncia das inaceitáveis violações e para a construção de um mundo melhor.

São incontáveis essas iniciativas e seria mesmo impossível elencá-las aqui. Um exemplo lindo de ver são alguns movimentos como “Chega de fiu fiu”, que contesta o assédio e a cultura do estupro. Para se ter uma ideia do alcance dessa iniciativa, só no Facebook é possível encontrar 5 páginas com esse título. Uma delas, com mais de 67 mil curtidas. Outra página do Facebook dedicada a contestar as normas de gênero é “Já falou para seu menino hoje?” com mais de 298 mil curtidas. No Instagram, há perfis públicos que questionam normas de gênero. O perfil “As Minas na História” tem 72,9 mil seguidoras/es e objetiva resgatar a memória e o protagonismo de mulheres que mudaram o mundo. Outro perfil incrível no Instagram é o da plataforma literária soteropolitana “Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras”, que divulga a literatura produzida por mulheres negras, principalmente nordestinas.

A escola e o ciberespaço também podem ser locais para a contestação das desigualdades de gênero. Felizmente conhecemos inúmeras iniciativas e projetos curriculares que problemati-

zam essas questões e podem contribuir para a formação de uma sociedade mais diversa e justa.



Outros ângulos, cores e formas

Um fabuloso mapeamento de algumas dessas práticas está disponível no site: <<https://floravillascf.wixsite.com/feminismonasescolas>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

Outra iniciativa super interessante partiu da ONU Mulheres e União Europeia, que lançaram currículos e planos de aulas para o ensino médio sobre igualdade de gênero e enfrentamento à violência contra as mulheres e meninas⁷. Além desses trabalhos, o projeto de extensão “*Educar-se pela escrita do outro/a: indagações sobre as trajetórias escolares e universitárias da juventude negra e LGBTQI+ mineira*” traz dicas sensacionais sobre possibilidades

7. Confira em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-uniao-europeia-lancam-curriculo-e-planos-de-aulas-para-o-ensino-fundamental-sobre-igualdade-de-genero-e-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres-e-meninas/>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

formativas envolvendo as temáticas de juventude, gênero, sexualidade e raça⁸.



Outros ângulos, cores e formas

Essas produções também podem inspirar você a pensar sobre essas temáticas

Lute como uma menina. (Flávio Colombini e Beatriz Alonso, Brasil, 2016).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=80CUMGH-m2oA&t=210s>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

Suprema (Mimi Leder, EUA, 2018.)

<<https://www.youtube.com/watch?v=FaKL-uN4Mil>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

As sufragistas (Sarah Gavron, Reino Unido/França, 2015).

<<https://www.youtube.com/watch?v=R8le4sZHRdE>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

O Sorriso de Mona Lisa (Mike Newell, EUA, 2003).

<<https://www.youtube.com/watch?v=x9jSemuOrwA>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

8. Para conhecer a ação, acesse: <<https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=68044>>. Acesso em: 01 fev. 2021. O livro que sistematiza as ações realizadas pode ser localizado em: <<https://www.travessa.com.br/rompendo-silencios-escrevivencias-sobre-as-trajetorias-escolares-das-juventudes-negras-e-lgbtqi-1-ed-2021/artigo/85ade3f2-7f20-4331-b8a2-69ca78955525>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

Estrelas Além do Tempo (Theodore Melfi, EUA, 2016).
<<https://www.youtube.com/watch?v=wx3PVtrU-Os>>. Acesso em:
20 mar. 2022.

Mas falar de gênero provoca uma confusão bastante comum e precisamos explicar melhor os termos. Embora articulados, gênero é diferente de sexualidade. **Gênero** refere-se às dimensões das masculinidades e feminilidades. Por exemplo: ser delicada e dançar ballet seriam atributos femininos, enquanto jogar futebol seria masculino. Isso para pensar em alguns exemplos bastante comuns de distinção de gênero. Já a **sexualidade** se refere à dimensão dos desejos, prazeres e afetos. Quando falamos em homossexualidades, heterossexualidades e bissexualidades, por exemplo, estamos tratando das sexualidades e não de gênero. Mas, como dissemos, essas dimensões são vinculadas e a distinção entre elas é por vezes apenas conceitual e talvez didática. A filósofa Judith Butler também nos ensina que, culturalmente, temos uma espécie de linearidade entre sexo, gênero e sexualidade. Dentro dessa normatividade, uma pessoa que nasce com um pênis deve se comportar como masculino e desejar sexualmente uma mulher.

Podemos relacionar esse aspecto com a sigla do movimento político e social LGBTQIA+, pois nessas letras estão incluídas diferentes identidades de gênero e de sexualidades. Ao nos referir-

mos a pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, assexuais, trata-se de modos de vivência da sexualidade. Quando, por exemplo, falamos de pessoas transsexuais e travestis, nos referimos à dimensão do gênero. Essas questões estão detalhadamente explicadas no Caderno de “Juventudes, Sexualidades e Diversidades”. Não deixe de conferir lá.

Como falamos no início deste Caderno, é preciso atentar ainda para as múltiplas conexões com outros aspectos da nossa existência, como classe social, raça, etnia, sexualidade, geração e territorialidade, por exemplo. Essa dimensão interseccional do gênero (conexão de múltiplos marcadores da diferença) foi problematizada há muito tempo, em 1864, pela afro-americana Sojourner Truth (1797-1883), a partir do seu discurso “E eu não sou uma mulher?”⁹ e trouxe outro entendimento para a questão de mulheres brancas questionarem o fato de serem consideradas delicadas e frágeis e, por isso, não aptas ao trabalho nas fábricas. Isso porque as mulheres negras nunca foram tratadas como frágeis, pelo contrário, foram escravizadas e submetidas a regime de exploração do trabalho. Gênero é, portanto, uma categoria que, em conexão com outros marcadores sociais, produz efeitos sociais muito distintos sobre o ser mulher e o ser homem. Desse modo,

9. Saiba mais detalhes em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

outras dimensões precisam ser consideradas articuladamente às questões de juventude e relações de gênero.



Focalizando imagens

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as Rosas Negras**.

1. Ed. São Paulo: Diáspora Africana. Editora Filhos da África. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento: Contribuições do Feminismo Negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento Feminista Brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 295 - 314, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó. 2019.

Mas, depois de tudo que conversamos até aqui, talvez você ainda esteja se perguntando sobre aquilo que, equivocadamente, se denomina “ideologia de gênero”. Embora esse tema esteja fervilhando entre nós, é preciso esclarecer que, como explicamos antes, gênero é um conceito, científica e filosoficamente estudado. Alguns grupos conservadores, no entanto, têm tentado distorcer

seu sentido, com fins de coerção e violação, para impor um único modo permitido de existência, numa correspondência rígida entre sexo-gênero-sexualidade, como está discutido no Caderno “Juventudes, sexualidade e diversidade”. Esses grupos têm ainda se organizado em torno da Associação Escola Sem Partido (ESP) e imposto uma série de diretrizes autoritárias e antidemocráticas às escolas, tentando intimidar professoras/es e criminalizar o trabalho docente. Depois de tudo o que aprendemos neste Caderno, precisamos reafirmar que **gênero NÃO é ideologia!** Devemos, ainda, combater as nefastas investidas da ESP.



Outros ângulos, cores e formas

Um trabalho super interessante explica minuciosamente, em vídeos, que gênero não é ideologia. Basta acessar o canal do Youtube **NãoÉIdeologia UFMG - É sobre gênero.**

Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCqvoXLRsKpDVnDXtSBRVNDg>>. Acesso em: 17 fev. 2021.



Focalizando imagens

MACEDO, Elizabeth. Repolitizar o social e tomar de volta a liberdade. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 34, e212010, 2018 .

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100302&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: 01 fev. 2021.



Juntando imagens e reflexos

Este Caderno abordou aspectos importantes sobre as relações de gênero que compõem a existência juvenil. Mas é preciso ressaltar que as vivências juvenis são múltiplas assim como o são as questões que as constituem. Certamente existem outras dimensões que gostaríamos de discutir. Boa parte delas pode ser conhecida nos outros Cadernos que compõem esta Série. Finalizamos nossa escrita com a sistematização de uma propos-

ta de trabalho, a qual desejamos que te inspire em suas potentes criações curriculares no espaço formativo em que você estiver.



Caleidoscópico em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir

Já pensou em usar a poesia e outras linguagens no trabalho com jovens?

Pensando na “pedagogia da pergunta”, proposta por Paulo Freire, formulamos uma questão a qual desejamos que seja motivadora de suas ações inventivas, que funcione como uma fagulha criativa, um convite para construção de **pontes de diálogos**.

“Como as poesias, narrativas visuais, música e séries podem construir pontes de diálogo e conhecimento sobre relações de gênero com as juventudes?”

“Me diz, o que te assusta? A Farda, A gravata ou a Luta? Perceba que nessa disputa, conheço teu caráter pelos heróis que cultua” - poesia de Mel Duarte, escritora, poeta e slammer. - “Vadias, Vagabundas, bruxas, queimadas na fogueira da inquisição. Sem direito a voto, divórcio, assediadas pelo patrão, por

amigos, desconhecidos e até líder de religião” - poesia performática “Poder das Minas” da pernambucana Bell Puã, que ganhou o Slam BR 2017¹⁰.

A construção dessas pontes pode começar com o olhar sobre a cultura juvenil, como mobilizadora de aprendizagens. Por exemplo, os dois trechos das poesias acima abordam as vivências de gênero por escritoras jovens negras a partir de suas culturas, saberes e experiências. Poesias, séries, vídeos, músicas trazem perspectivas artísticas que se relacionam com as vivências, desejos, trabalhos e diversões próprias das existências juvenis. São artefatos culturais com poderosas possibilidades de conexões de saberes e conhecimentos com as/os jovens sobre relações de gênero. Essa linguagem poética pode ser acionada para a construção de pontes de diálogo com jovens. Podemos pedir que as/os jovens respondam às questões que o Slam apresenta: Me diz, o que te assusta? A Farda, A gravata ou a Luta?. Podemos, ainda, ampliar essas perguntas, incitando as reflexões e o debate respeitoso.

O chamado que fazemos é para a construção de saberes a partir da relação e associação entre as provocações poéticas e a vida, os desejos, as vontades e as angústias das juventudes sobre gênero, feminicídio, lutas políticas etc. Ou seja, pontes de diálogo e saberes

10. A final do Slam de 2017 pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU&t=57s>. Acesso em: 27 mai. 2021.

podem ser construídos ao propormos às/aos jovens, por exemplo, que relacionem os altos índices de violência contra a mulher no Brasil com a poesia de Bell Puã, com o álbum visual da cantora Luedji Luna¹¹, ou com o documentário Lute Como uma Menina¹².

A pergunta que formulamos “**Como as poesias, narrativas visuais, música e séries podem construir pontes de diálogo e conhecimento sobre relações de gênero com as juventudes?**” pretende agir como uma fagulha de criação de pontes de diálogo, isso porque acreditamos na importância das/os educadoras/es criarem suas próprias propostas de trabalho, a partir do seu contexto específico, dos seus objetivos e planos de ação. Nesse sentido, lhe convidamos a ampliar e aguçar seu olhar para os acontecimentos, artefatos culturais e eventos que mobilizam as juventudes, que instigam ações e convocam à reflexão.

Na ponte de diálogo, além de **ver** as produções culturais juvenis, o **ouvir** as/os outras/os, de forma atenta, sensível, cuidadosa e respeitosa é essencial, pois amplia a nossa compreensão e o respeito aos diferentes pontos de vista.

Realizar os procedimentos de ver e ouvir talvez nos possibilite caminhar juntas/os sobre a ponte construída. Então, como próxima etapa constitutiva do

11. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z7IPX61UdJ4>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

12. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=80CUMGHm2oA&t=210s>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

trabalho, **registre** e relate o processo, anote os passos dados em prol das trocas de saberes com a juventude, relate as conexões criadas entre relações de gênero e as artes, músicas, séries, vídeos, filmes e poesias. O registro pode ser múltiplo: fotos, vídeos, textos, relatórios etc. A escrita nesse trabalho cumpre o papel de nos oferecer pistas analíticas. Ela proporciona a reflexão crítica sobre as descobertas e as aprendizagens construídas. Ela permite visualizar as pontes. A construção de pontes de diálogo proporciona a criação de múltiplos sentidos para a juventude. A troca de saberes pode mobilizar ações e movimentos que sinalizem possibilidades de transformação social. Nosso desejo é mobilizar elementos de análise da realidade, ampliando a capacidade juvenil de compreensão e intervenção no mundo.

Sugestões de artefatos culturais para construir

Pontes de Diálogo

Além da poesia, a linguagem audiovisual costuma proporcionar excelentes experiências. Pode nos alegrar, sensibilizar, comover... Pensando nisso, indicamos produções que provocam reflexões a respeito das questões de gênero.

O filme 'Preciosa: uma história de esperança'¹³ (Lee Daniels, EUA, 2009) traz uma série de reflexões interessantes sobre relações raciais, classe social, conflitos

13. Confira em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WO-ynovfRis>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

familiares e gordofobia. Ou seja, a partir do longa-metragem, é possível refletir sobre as variadas formas de opressão e sobre os modos de romper com os ciclos de violência. Já o álbum visual da cantora Luedji Luna, 'Bom Mesmo é estar Debaixo D'Água'¹⁴ mostra as formas de ressignificação de vida, estratégias de resistência, religiosidade de matriz afro-brasileira e reflexões sobre juventude e gerações passadas e futuras. Outras possibilidades podem ser elaboradas a partir da série "A vida e a História de Madam C. J. Walker"¹⁵ ou "Anne with an E"¹⁶. Esses exemplos contemplam e ampliam as reflexões sobre a construção de pontes de diálogo que trouxemos neste Caderno.

Livros para você poetizar:

Vozes Guardadas – Elisa Lucinda

Tudo nela Brilha e Queima – Ryane Leão

(@ondejazzmeucoracao)

Jamais Peço Desculpas por me Derramar – Ryane Leão

Poemas da Recordação e Outros Movimentos –

Conceição Evaristo

Água Negra e Outras Águas – Livia Natália

14. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z7IPX61UdJ4>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

15. Confira em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PxlAdqHbloM>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

16. Confira em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bBervTIBurY>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

(@livianataliapoeta)

A Unicórnio Preta – Audre Lorde

Poesia Completa – Maya Angelou

Colmeia: Poemas Reunidos - Mel Duarte

(@melduarte poesia)

Algumas datas importantes para você celebrar e

mobilizar:

29 de Janeiro: Dia da Visibilidade Trans

8 de Março: Dia Internacional da Luta pelos

Direitos das Mulheres

25 de Julho: Dia da Luta da Mulher Negra,

Latino-Americana e Caribenha

25 de Novembro: Dia Internacional de Combate à

Violência Contra Mulher

Referências:

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei 9394, de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 30 jan. 2021.

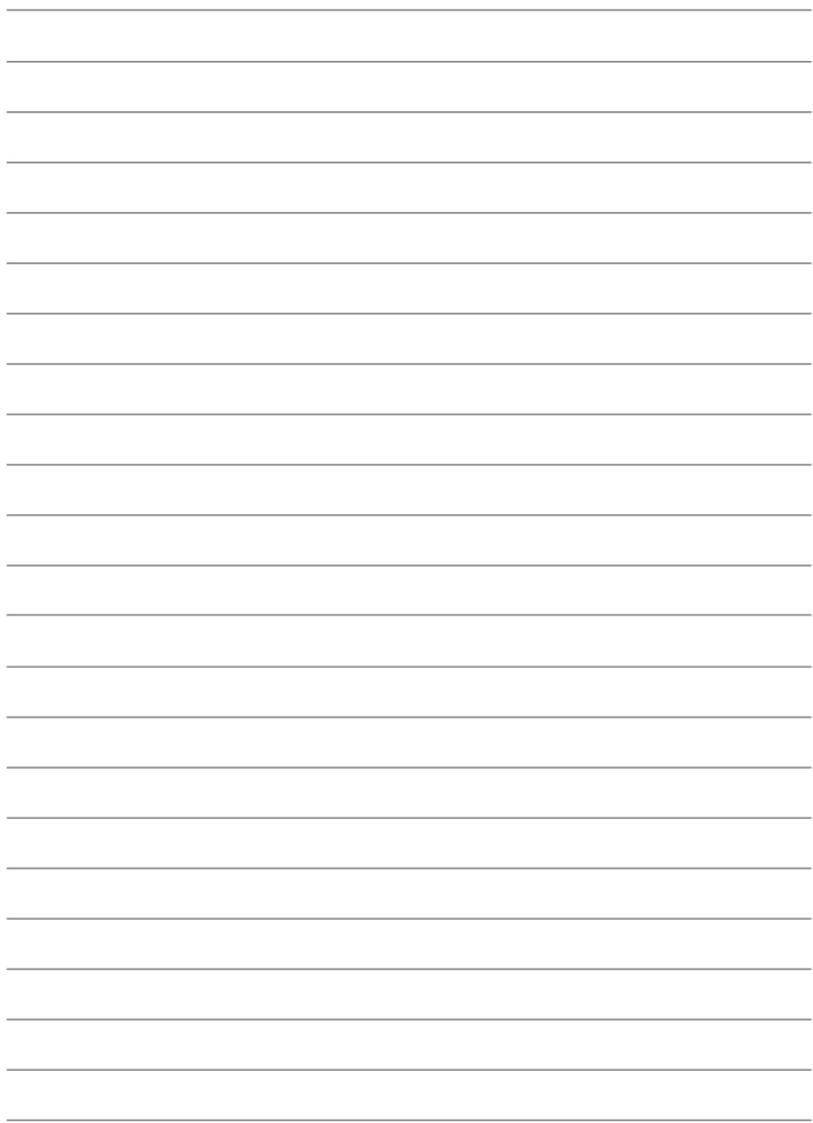
BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 42, p. 249-274, jan-jun. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar Estermann. Generificação das práticas curriculares: uma abordagem feminista pós-estruturalista. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 468-487, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/daligna-klein-meyer.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafão: Takes, cuts, close-ups**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Edição do Kindle, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SCOTT, Juan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20. n. 2. p. 71-99, jul./dez. 1995.







OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE DA UFMG

FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS





OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE DA UFMG

FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS